

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP  
CURSO DE LICENCIATURA

***MONSTRUM ET MONSTRUOSA: O FEMININO NA EPOPEIA E NO MITO  
GRECO-LATINO***

SUEANE SIMAS PIKANÇO

ORIENTADOR DOUTOR WEBERSON FERNANDES GRIZOSTE

Parintins-AM

2022

*As fronteiras existem para manter medida e ordem; qualquer transgressão desses limites causa desconforto e requer retornemos o mundo ao estado que consideramos ser o certo. O monstro é um stratagem para rotular tudo que infringe esses limites. – Julio Jeha*

**SUEANE SIMAS PICANÇO**

***MONSTRUM ET MONSTRUOSA: O FEMININO NA EPOPEIA E NO MITO  
GRECO-LATINO***

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado no âmbito da disciplina de  
Pesquisa e Produção Acadêmica em  
Letras III como requisito do curso de  
Licenciatura em Letras da Universidade  
do Estado do Amazonas-UEA.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Weberson Fernandes Grizoste (UEA)  
(Orientador)

---

Prof. Dra. Gleidys Meyre da Silva Maia (UEA)  
(membro interno)

---

Prof. Vitor Pereira de Sousa (UNIFESP)  
(membro externo)

Parintins-AM

2022

# SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	3
<b>RESUMO</b> .....	4
<b>ABSTRACT</b> .....	4
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>1. MONSTROS E MONSTRUOSAS</b> .....	6
<b>2. O MONSTRUOSO FEMININO</b> .....	9
<b>2.1. É A FEITIÇARIA (A MAGIA) UMA PRÁTICA EXCLUSIVAMENTE FEMININA?</b> .....	9
<b>2.2. A MONSTRUOSIDADE DE MEDEIA</b> .....	10
<b>3. MONSTROS FEMININOS</b> .....	15
<b>3.1. A MALDIÇÃO DE MEDUSA</b> .....	15
<b>3.2. O TRÁGICO DESTINO DE CILA</b> .....	17
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	19
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	21

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar à Deus, pela minha vida e por permitir que eu ultrapassasse todos os obstáculos ao longo da realização deste trabalho; por me dar força espiritual para não desistir em meio as adversidades. Em seguida, aos meus pais Vander Picanço e Márcia Simas Gama e minha irmã Vitória Simas Picanço, que me incentivaram nos momentos mais difíceis, me dando força quando acreditei ser impossível continuar essa jornada; por me ajudarem a vencer as crises de ansiedade e por estarem sempre ao meu lado. Assim como também, agradeço a minha avó Neide Picanço, que me criou quando era mais jovem e sempre me aconselhou a nunca renunciar aos meus estudos e ao futuro, e contribuiu para a pessoa que me tornei. E principalmente, ao professor Weberson Fernandes Grizoste por ter sido meu orientador e ter me guiado na direção certa, por sua dedicação e paciência ao longo das orientações e o valioso ensinamento que recebi; como também aos demais professores que tive, pelas correções, ensinamentos, conselhos, pela ajuda e pela paciência com a qual me guiaram durante o meu aprendizado, que me ajudou apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso.

## RESUMO

Este artigo é de caráter bibliográfico e tem como objetivo analisar as circunstâncias trágicas que transformou mulheres em monstros e feminino monstro através das personagens dos mitos greco-latino. Para tanto, pretende-se fazer um recorte das obras de Eurípides, Sêneca, Apolônio de Rodes, Homero e Ovídio. Para se ter um melhor entendimento, será feito à distinção entre o que é ser monstruoso e o que é ser monstro, para então analisar as causas que as transformaram em seres muito cruéis e temidos na mitologia e na literatura. Em seguida, analisaremos o percurso mitológico de Medeia, Medusa e Cila. A proposta deste artigo é contribuir para a área acadêmica com o conhecimento sobre a mitologia greco-latina, os estudos e a construção sobre o feminino na literatura clássica.

**Palavras-chave:** monstro; monstruosa; feminino; Medeia; Medusa; Cila.

## ABSTRACT

This article is of a bibliographic nature and aims to analyze the tragic circumstances that transformed women in monsters and monstrous women through the characters of Graeco-Latin myths. For this, it is intended to make a cut of the works of Euripides, Seneca, Apollonius of Rhodes, Homer and Ovid. In order to have a better understanding, a distinction will be made between what it is to be a monstrous and what it is to be a monster, to then analyze the causes that transformed them into very cruel and feared beings in mythology and literature. Next, we will analyze the mythological path of Medea, Medusa and Scylla. The purpose of this article is to contribute to the academic area with knowledge about Graeco-Latin mythology, studies and the construction of the feminine in classical literature.

**Keywords:** monster; monstrous; female; Medea; Medusa; Scylla.

## INTRODUÇÃO

O mito é um entrelaçamento entre a realidade e o fabuloso com o objetivo de explicar a origem daquilo que é importante para a civilização, no qual está cheia de simbolismo embutidos em suas entrelinhas. O “mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’. (...) Portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (...)” (ELIADE, 2016, P. 11). Logo, os mitos eram vistos como modelos para conduta humana, tendo assim uma grande significação para a sociedade.

No entanto, as personagens femininas monstruosas e monstros de origem, femininos, são pouco conhecidas e por muitas vezes incompreendidas, sendo marginalizadas na mitologia e assim representadas na literatura. Este trabalho visa trazer à tona personagens mitológicas femininas selecionadas e recortadas de tragédias e epopeias greco-latinas, cito *Medeia* de Eurípedes e de Sêneca, *Odisseia* de Homero e *Metamorfoses* de Ovídio. O critério de escolha das personagens será, primeiro, mulheres que cometeram atos monstruosos e, depois, monstros que, antes de serem transformadas, nasceram mulheres.

Tendo em vista que monstros podem ser tanto homens como mulheres, este trabalho, como está dito, procura analisar unicamente o feminino monstro/monstruoso. Conforme o dicionário latino da Porto Editora, o significado da palavra *monstrum* provém do verbo *moneo* – assim, o monstro enquanto “facto prodigioso” é, na verdade “uma advertência dos deuses”. Mas, mais, tudo o que não é natural, monstruosidade; atos monstruosos; desgraças, flagelo, coisa funesta. Já, o adjetivo *monstruosa*, conforme o dicionário de Ernesto Faria monstruoso, significa extraordinário, estravagante.

Foi por terem infringido paradigmas sociais da época, que as mulheres que aqui serão analisadas, acabaram sendo metamorfoseadas, ora em monstros, ora na alma monstruosa. As personagens monstruosas escolhidas por encontrar nelas indícios humanos, e por serem tão humanas e monstruosas ao mesmo tempo, efeito das ações e reações à terceiros que as levaram à ruína diretamente a vida.

Primeiramente será feito a diferenciação entre o que vem a ser o monstro e o que vem a ser monstruoso. Já no segundo tópico será abordado a figura das mulheres

monstruosas na pessoa de Medeia, tendo em vista que ela é uma feiticeira, iremos iniciar com a resposta a uma indagação, se a feitiçaria era uma prática exclusivamente feminina na antiguidade. Finalmente, no terceiro tópico abordaremos os monstros, ao analisar Medusa e depois Cila.

Desta forma será feita análise das circunstâncias trágicas de cada um dos mitos selecionados, e comprovar o que está por trás daquilo que as motivou a serem tão temidas e horripilantes, desconstruindo essa visão estereotipada em torno das personagens femininas dos mitos escolhidos.

## **1. MONSTROS E MONSTRUOSAS**

Personagens tidos como vilões, monstros e monstruosas, são vistos pela ótica do cristianismo como a verdadeira encanação do mal e pelo mundo greco-latino como sofrendores de uma maldição ou do próprio destino e necessários para sua cultura religiosa, alguns chegando até a ser adorados pelo povo. São criaturas sinistras que cometem atos horripilantes, que por muitas as vezes tem como significação ser um aviso ou agouro; são analisados e pesquisados desde a antiguidade em busca de se saber as verdadeiras razões as quais as levaram até aquela situação em que se encontram. Então, acabamos por nos questionar o que vem a ser um monstro, qual a visão da sociedade em torno desta palavra que tem um grande simbolismo de maldade e horror.

Há sempre um questionamento do que vem a ser um monstro ou um ser monstruoso, e o que os diferencia. Para Gil (1994, p. 14) “os monstros são-lhe absolutamente necessários para continuar a crer-se homem. No entanto, o monstro não se situa fora do domínio humano: encontra-se no seu limite.” Logo, se ao ultrapassar os limites determinados pela sociedade e suas crenças, estão sujeitos a se tornarem em monstros horripilantes. E as personagens selecionadas nos trazem esse sentido de que algo foi ultrapassado ou que romperam uma regra. E a monstruosidade não passa muito longe desses termos, ela também se encontra no limite do que é ser humano, porém em vez de uma metamorfose do físico, as personagens sofrem uma metamorfose da alma.

A metamorfose do físico, ocorre de duas formas: primeiro quando já se nasce um monstro, “(...) Os monstros são também o produto de um cruzamento de sexos diferentes ou de espécies diferentes. (...)” (GIL, 2006, p. 147-148); e segundo, quando acabam por



serem amaldiçoadas, conseqüentemente se transformando em um monstro com aparência física anormal, contrária à natureza humana. Enquanto, a metamorfose da alma ocorre no psíquico, é uma mudança que pode ocorrer de forma rápida ou que lentamente vai corrompendo o estado de alma, transformando um ser inocente em um ser capaz de cometer atrocidades. Mas o que é a alma?

A alma, no pensamento de Platão, é o que existe de mais valioso para o homem. É o centro, aquilo que ele pode denominar “si mesmo” (...) e pelo qual pensa e toma as decisões. (...) A saúde da alma é algo delicado e de grande valor que poderá ser modificada (...) a injustiça é uma espécie de desordem na alma (...) (Araújo Junior, 1999, p. 89 a 92)

Ou seja, a metamorfose da alma, é a consequência da injustiça cometida pelos atos e ações de terceiros, que modifica, a ponto de se tornar quase que irreconhecível do seu ser original. Tais atos podem acabar por tornar a alma, antes boa e pura, em algo mau, corrompendo a pureza que antes existia na personagem.

Enquanto, por uma análise mais profunda, o monstro ou o ser monstruoso acabam por nascer do meio social e cultural. “O monstro nasce nessas encruzilhadas metafóricas, como a corporificação de um certo momento cultural – de uma época, de um sentimento e de um lugar” (COHEN, 2000, p. 26). Os seres horripilantes e sanguinários que são descritos desde a antiguidade trazem na sua entrelinha acontecimentos e denúncias de determinadas épocas, revelando o que está escondida na escuridão da natureza humana. São através das ações humanas que monstros são criados.

Os mitos, por uma perspectiva psicológica, acabam por se tornar um aviso para que não se ultrapasse limites impostos pela sociedade. De acordo com Gil (1995, p. 15), “os monstros são intervenções divina que se manifesta na monstruosidade do corpo humano. E desta forma, se torna um sinal anunciador, uma mensagem divina, um augúrio. O monstro surge por aproximação do que deve ser mantido à distância.”

Para manter o monstro ou o ser monstruoso se deve seguir as regras, normas e crenças. Desta forma, essas personagens ao mesmo tempo que são vistas como símbolo da maldade, também podem ser vistas como símbolo de resistência, pois quebram regras e por um determinado momento, fogem dos padrões da sociedade. Segundo Foucault (2001, p. 70) “o monstro contradiz a lei. Ele é a infração, e a infração levada a seu ponto máximo. (...). E, nesse sentido, podemos dizer que o monstro é o grande modelo de todas as pequenas discrepâncias”. Assim, como também a monstruosidade vai contra essas

mesmas leis, visto que as mulheres nesta época eram consideradas como a causa de muitos males (LESSA, 2021, p. 9). Desta forma, se percebe a construção da monstrosidade feminina, que sem direitos, são consideradas como objetos, com uma finalidade de se atingir um meio por elas. São alvos da sociedade patriarcal, quando as mesmas, desviam do caminho ao quebrar os padrões ditados pela sociedade patriarcal, ou seja, são transformados em monstros ou em seres monstruosas na tentativa de moldá-las de acordo com o sistema, usando-as como objetos de exemplos para outras mulheres não se atreverem a ultrapassar os limites impostos pela sociedade patriarcal.

As mulheres que faziam algo considerado anormal para sua época eram temidas, perseguidas e consideradas um mal a ser aniquilado. Do contrário, desviam ser passivas e submissas para serem aceitas na sociedade. E através disto, se observa a construção da monstrosidade feminina, vemos no simples ato de serem mulheres, de serem independentes por dominarem técnicas e poderes de magia, e, por vezes, ao serem estrangeiras, por revidarem contra as ações de terceiros. Tudo isso, contribuiu para essa construção, sendo um ciclo vicioso que se repete ao longo de diversas gerações.

Os monstros desde o início dos tempos são símbolos do horror e maldade. Porém, se observa ao decorrer desta análise, que nem todas as personagens são realmente feitas de pura maldade, que por trás se tem outros significados. Estudos modernos buscam analisar e entender os monstros, compreender o papel que os mesmos e os seres monstruosos tinham na antiguidade e sua evolução no tempo até os dias de hoje. Ao longo do tempo, essa perspectiva dos leitores foi mudando sobre alguns personagens, os monstros acabaram por ganhar cada vez mais espaço na sociedade em perspectiva psicológica e política.

Percebe-se a importância do simbolismo que os monstros e seres monstruosos tem em suas entrelinhas. De acordo com Adorno e Horkheimer (1985, p. 20) “O mito queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar. (...)”. Antes, vistas apenas como seres repugnantes, aterrorizantes; criadas para assustar e amedrontar; hoje se tem uma visão mais clara do papel destas personagens, que através de estudos, análises e desmitificações, nos trazem um esclarecimento por trás daquilo que está escondido no mito, na epopeia e outras narrativas clássicas. Um esclarecimento do que está obscurecido, que revela e evidencia que a sociedade é uma fábrica de criação de monstros e monstrosidades.

## 2. O MONSTRUOSO FEMININO

### 2.1. É A FEITIÇARIA (A MAGIA) UMA PRÁTICA EXCLUSIVAMENTE FEMININA?

Seria a feitiçaria uma prática somente de mulheres? Ou foi apenas um apontamento do poder patriarcal para condenar e subjugar as mulheres atrevidas? A crença antiga é que a feitiçaria e magia são obras especificamente de mulheres, como se percebe em uma passagem do pensamento grego presente no livro de Luciano (1992, p. 25) “encontrar alguma dessas mulheres peritas em artes mágicas” no qual o personagem busca com ânsia uma mulher em vez de um homem, deixando claro a crença de que mulheres são praticantes da feitiçaria/mágia.

Elas eram mulheres que mexiam com ervas, porções e que eram ligadas com a natureza, sendo capazes de criarem feitiços e magia, que possibilita metamorfe-sear, encantar, curar e amaldiçoar, podendo usar suas artes tanto para o bem quanto para efeitos maléficos, segundo a literatura de época.

As feiticeiras eram, muitas vezes, mulheres belas, estrangeiras e com grandes saberes que causavam temor na sociedade. E todos esses detalhes trazem temas escondidos por trás de seus mitos, e com isso, as mulheres acabaram se tornando estigmatizadas, como a causa de todo mal que ocorre ao seu redor.

Portanto, essas personagens vistas apenas por uma perspectiva, acabaram taxadas como malévolas, cruéis e por muitas vezes detestadas pela sociedade. Logo, as mulheres/feiticeiras eram representadas de acordo com as crenças e concepções que a sociedade tinha do papel da mulher. Esse estereótipo no qual todas as feitiçarias é um ser astucioso e que sua magia é maldita, foi criado pela sociedade para esconder questões políticas nas entrelinhas, no qual se pode perceber em uma análise minuciosa o preconceito contra a mulher estrangeira e a submissão obrigatória, tornando-as um apoio de suporte para que os heróis cresçam em sua jornadas, e quando são descartadas são taxadas como astutas e perigosas, as tornando vilãs, já que elas conseguiram transgredir as regras sociais que a sociedade esperava.

Enfim, o próprio Luciano (1992, p. 58) comprova, na antiguidade, a existência de magos demonstrando que a feitiçaria não era uma prática exclusivamente feminina, que tanto mulheres quanto homens praticavam a feitiçaria:

uns achavam que eu era um [bruxo] especialista em drogas temíveis e nos malefícios da metamorfose, pelo que devia morrer imediatamente na fogueira; outros, porém, aconselhavam a que se aguardassem as minhas alegações, antes de julgarem, e só depois fosse emitida sentença sobre o caso.

## 2.2. A MONSTRUOSIDADE DE MEDEIA

Os mitos mesmo sendo relatos orais místicos dos tempos antigos, foram repassados de gerações em geração, entretanto como um registro que se transforma a cada nova geração: “o mito é um processo aberto; uma obra literária é um produto fechado. Todos podem contribuir com um pedacinho para o mito, mas são obrigados a respeitar a integridade original de um poema ou peça.” (Ruthven, 2010, p. 74). Tais fatos podem ser observados nas diferentes *Medeias* e nas personagens que serão analisadas, no qual foram modificadas em certos aspectos de acordo com o tempo e a visão dos autores – sempre preservando o essencial do mito.

Na *Medeia* de Apolônio de Rodes, nas *Argonáuticas*, se apresenta uma donzela, reconhecida por sua arte na feitiçaria, descrita pelo poeta como uma jovem pura flechada pela seta impiedosa do cupido; que mesmo estando sob a influência de um amor ilusório, negou-se a querer algo em troca quando Jasão ofereceu um casamento em troca de sua ajuda na conquista do velocino de ouro. Inicialmente vemos uma *Medeia* que ainda não foi corrompida, seu estado de alma ainda se encontra intacto. Porém, a convivência com o herói paulatinamente corrompe sua alma. Vemos um longo processo, uma metamorfose da alma que vai consumindo a personagem a cada vitória do herói; cada conquista do herói é uma mancha no estado da alma. Na fuga de sua terra natal, *Medeia* comete o seu primeiro ato monstruoso ao matar o seu próprio irmão e despedaçá-lo para distrair seu pai e interromper a perseguição. Ao buscar uma simbologia, o assassinato do irmão representa a ruptura de *Medeia* com sua família se tornando uma exilada, fugitiva e fratricida. E claro, foi uma das mais importantes vitórias do herói, adquirida através do sacrifício de *Medeia*. Em seguida, a próxima parada da personagem foi na terra natal de Jasão, onde *Medeia* comete o seu segundo ato monstruoso, matando o tio de Jasão.

Em seguida temos a *Medeia* de Eurípides, que traz essa faceta de uma mulher madura, esposa e mãe. Nela vemos uma mulher que quebra paradigmas, na qual dá voz a sociedade feminina rompendo o silêncio que foram obrigadas a suportar; trazendo em sua entrelinha um discurso (denúncia) de oposição ao patriacado. “*Medeia* se dirige às mulheres de Corinto, justificando sua atitude e chamando atenção para a situação dos

estrangeiros numa nova pátria e para a condição das mulheres, em geral, na sociedade.” (CARDOSO, 2005, p. 53). Logo, Medeia é uma personagem complexa que vai muito além de uma esposa que enloquece em fúria por ter sido abandonada e expulsa de sua própria casa; ela expõe a condição da mulher e traz questionamentos de sua realidade social; tal como observa Lopes (2008, p. 5): “na antiga sociedade grega a mulher era um símbolo de fraqueza. Não podia ter os mesmos direitos que os homens, nem tampouco realizar as mesmas funções. Era considerada como um ser inferior”. Logo, os elementos da narrativa nos esclarece o que está subentendido no discurso da personagem dentro do mito:

O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de "estar no mundo" ou as relações sociais (ROCHA, 1996, p. 1).

A partir do verso 115 percebe-se uma Medeia cheia de dor e uma alma inquieta, que no primeiro momento sente a dor da rejeição, arrependimento e angústia. Nota-se pela passagem dos versos 115-116 e 162-163, cuja, a fala da personagem dá a entender que a morte é mais digna do que todo o martírio que está sofrendo; enfatizando que o papel da mulher era ser esposa, e que perdendo esse título, perderia todo o contentamento de ser mulher e o seu valor perante a sociedade patriarcal. Conforme Lopes (2008, p. 5), “o momento de realização da mulher era apenas o destinado ao ofício do matrimônio. Sendo assim, no plano da natureza sua função era produzir cidadãos, isto é, herdeiros varões dos chefes de família que constituíam a cidade”.

Nos versos 237-300, encontramos uma Medeia que traz um discurso crítico, quando aponta sua experiência como estrangeira, na qual lhe é negado o convívio, vista com repugnância pelos habitantes, que é reforçado nas falas da Ama e do Coro, que se compadecem da situação de Medeia, que sendo mulheres coríntias, entendem o peso do abandono. Medeia ainda aponta, no verso 258-259, o fato de que na sociedade antiga, as mulheres eram as que mais sofriam, e em seguida, enumera as causas pela qual as mulheres sofrem, começando pelo fato de terem que comprar um dono para seu corpo, no qual o maior dilema é se será bom ou mau, pois é uma vergonha para as mulheres abandonar o esposo. “Há um tom político, portanto, em sua fala, e uma postura feminista. As duas espécies de marginalidade – a da mulher e a do estrangeiro – são postas em destaque” (CARDOSO, 2005, p. 53). Enquanto, para os homens é permitido abandonar,

sem nenhuma vergonha, ainda podendo se glorificar por encontrar um leite melhor que o anterior. Medeia ressalta, nos versos 282-283, que preferiria ir à batalha do que ter que parir uma única vez; questionando a submissão e a ideia de que a mulher deve ficar dentro de casa, cuidar do lar, dos filhos e se dedicar de corpo e alma ao seu esposo e a família. Isso a enche ainda mais de amargura, não se conformando com o seu papel; não aceitando ter que ser desonrada e injustiçada depois de ter se sacrificado em benefício de Jasão:

a personagem é movida pelo ódio, pelo orgulho ferido, por ter sido traída pelo homem a quem entregou sua confiança. Arrepende-se de ter traído seu pai, de ter cometido crimes por pura devoção a Jasão, que na primeira oportunidade a deixou, sem hesitar, para casar-se com a filha do rei e tornar-se cidadão entre os gregos, e não mais estrangeiro, conseguindo, assim, o respeito do povo (LOPES, 2008, p.7).

Certamente, o estado de alma da personagem, a qual está se corrompendo, sofrendo um processo de metamorfose, acaba por alcançar mais um nível agressivo, quando o rei Creonte, nos versos 308-314, a atinge com um fatal golpe: a expulsa junto com seus filhos para longe de suas fronteiras. Expulsa-a por ser mulher, estrangeira, por ter conhecimento na arte da magia, totalmente desprotegida, sem apoio de um esposo, amigos e familiares, enfim, a maltratam sem pudor e ela reage: “nesta cena, o cálculo frio de sua razão é mais forte que o fogo dentro de seu peito, e ela se humilha até a súplica e consegue do inimigo o dia de prazo que lhe dará espaço de tempo para vingança” (LESKY, 1996, p. 202). O sentimento de injustiça adoence a alma criando um ser monstruoso, que não poupara esforços para vingar sua honra, a sociedade patriarcal e o infiel esposo.

Nos versos 1020-1026, percebe-se uma Medeia euripidiana com afeto maternal, quando questiona-se até quando poderia ter seus filhos por perto. Por um breve momento, a personagem sente o grande temor da separação dos filhos; uma clara evidência de uma Medeia humana, uma mulher, uma mãe. Porém, sua alma já se encontra num estado de repleta amargura e corrompida; e possuída pela dor e ressentimentos ela continua com seus planos vingativos.

Por dentro, seu instinto materno está lhe avisando para não cometer tais atrocidades. Como visto no verso 1148, quando a personagem Preceptor lhe questiona sua expressão angustiada e lacrimosa. Percebe-se nos versos 1162-1195, quando a personagem continua com suas lamentações de não poder ter a chance de receber as alegrias de ser mãe; de ter sofrido em vão as dores do parto na esperança de tê-los como

alicerces em sua velhice; filhos cuja mãe espera que estejam em seu funeral. Todavia, lhe foram arrancando esses doces pensamentos e receia por seus atos. Por um breve momento chega até a pensar em recuar em seu golpe final, sabendo que ao tentar amargurar Jasão, isso duplicaria a própria dor:

Porém, por várias vezes, tomada de sentimento materno, ela sucumbe perante o sofrimento vingativo que se apresenta como superior a ela, dividindo-se assim, entre praticar ou não o infanticídio. Seus monólogos ilustram a luta que ela trava consigo mesma, até tomar a decisão de matar mesmo as crianças. (SANTOS, 2007, p. 445)

No entanto, Medeia já chegou ao seu ápice final, determinada a se vingar, a não deixar impune os crimes daqueles que lhe causaram tanto mal, Medeia endurece seu coração maternal, com o estado da alma distorcida, sente que não pode deixar que os filhos morram pela mão do inimigo, decide por isso matá-los à sua maneira. Sem alternativa, para completar sua vingança, a morte dos filhos era um mal necessário. É com a realização do ato que a metamorfose se completa, sua alma está totalmente corrompida, surgindo desta forma o feminino monstruoso.

Já no mundo latino, temos a *Medeia* de Sêneca, na qual a personagem é muito diferente da que se encontra em poetas anteriores. “O prólogo mostra a degradação progressiva de Medeia e sua transformação em criatura inquietante e temível.” (CARDOSO, 2005, p. 50). A qual começa a obra cheia de rancor e fúria, amaldiçoando e conspirando pela morte da noiva e do futuro sogro. Mas, deseja que o esposo infiel sobreviva, para que sinta a ausência da esposa e sofra todas as desaventuras, vivendo como um exilado e odiado.

Nos deparamos com uma Medeia autossuficiente que não se lamenta, não teme os infortúnios, nem reis, tampouco os deuses e muito menos a morte. Ela tem total confiança em si e em suas artes mágicas. Ela se enche de indignação por ter sido abandonada pelo esposo. Nos versos 116-149 de Sêneca, Medeia se sente indignada com as bodas e o canto nupcial, as quais machucam o seu ego ao apontá-la como única culpada de todos os crimes. Protesta contra Jasão, pela audácia de abandoná-la em uma terra estrangeira, depois de ter abdicado de sua própria família, sua pátria e seu reino. Ultrajada, relata os crimes que cometeu em nome de Jasão, e se questiona se o herói esqueceu de sua capacidade de cometer atos ímpios; mas é uma Medeia menos ressentida que a de Eurípedes, em Sêneca encontramos-a agitada e enloquecida em busca de vingança:

“Ao invés de encontrarmos uma mulher desesperada e chorosa como a de Eurípides, entramos em contato com uma Medéia cheia de ódio, enloquecida e sequiosa de vingança, que invoca os deuses com ousadia e se dispõe à ação, prometendo um crime terrível que antecederá sua saída da cidade.”  
(CARDOSO, 2005, p. 48)

Em meio ao delírio Medeia de Sêneca indaga-se sobre o que Jasão deveria ter feito ao ter sido submetido pelo poder do rei Creonte, e enfatiza que o herói deveria ter ido ao encontro da espada do que ter se rendido e desfeito sua leadade para com ela. Contudo acredita que Jasão foi forçado ao leito nupcial. Logo, dirige toda a sua fúria ao rei Creonte; promete encher sua morada de cinzas e chama por separar uma mãe dos filhos e romper os laços de seu matrimônio.

Medeia demonstra uma firme disposição e energia diante da situação que está enfrentando, desejando atacar os que lhe estão causando mal. Em seu confronto com o rei Creonte, ela reage de forma irônica e orgulhosa; refuta com sarcasmos todas as acusações e ao ter sido declarada a sua expulsão reivindica de volta o esposo, o objeto dos crimes que cometeu: “é por ele que a princesa vive, mata e se perde, sendo ele, na nossa opinião, a grande causa da perdição de Medeia – perdição amorosa, perdição comportamental, perdição existencial” (MOREIRA, 2009, p. 23). Por amor, Medeia cometeu diversos crimes, porém pra ela nunca terá sido por seu próprio interesse, logo não aceita ser a única responsabilizada pelos crimes.

Em seguida, Medeia recebe um golpe ainda maior em seu orgulho quando Jasão desiste tão facilmente, no momento em que implora para juntos fugirem. Enlouquecida de fúria, confronta o esposo infiel, descobre que está sozinha, abandonada pelo homem a qual confiava. O qual nega ter cometido qualquer crime, ao deixá-la como a única responsável de todos os crimes. Sua alma se encontra em um turbilhão de fúria e loucura, e só se acalma ao descobrir o ponto fraco de Jasão: os filhos. Como se vê, a Medeia de Eurípides matou os filhos por amor, a de Sêneca puramente por punição à Jasão. Conforme os versos 676-844 de Sêneca, na qual enloquecida pelo ultraje, Medeia prepara um ritual que a levará para a tragédia que se aproxima. Novamente teremos uma breve hesitação por parte de Medeia ao matar os filhos nos versos 924-930, onde a vingança, e esposa são expulsas para da lugar a mãe. Porém, seu estado de alma já está totalmente corrompido, ante à angústia e a loucura.



### 3. MONSTROS FEMININOS

#### 3.1. A MALDIÇÃO DE MEDUSA

Das diversas versões do mito de Medusa, um dos mais conhecido pela sociedade antiga descreve-a como filha de Fórcis e Ceto, como uma das irmãs Górgonas, que diferente de suas outras irmãs, era mortal. Uma belíssima mulher que foi brutalmente amaldiçoada em tornar-se um monstro de aparência horrenda; em vez de cabelos, víboras e um olhar que petrifica; um castigo cruel por ousar ser bela e ter seduzido Netuno, o deus dos mares.

Ovidio, em *Metamorfoses*, apresenta Medusa como sacerdotisa do templo de Minerva, uma donzela com magníficos cabelos e uma deslumbrante beleza; atraindo os olhares de todos ao seu redor – disputada por diversos pretendentes, era a mais bela e desejada entre todas as donzelas. Tal beleza atraiu a atenção de Netuno e este acaba por deflorá-la no templo de Minerva. E esta, para não deixar impune tal transgressão, transformou Medusa em monstro horrendo, com cabelos antes belos, agora transformados em asquerosas serpentes. Outrora admirada por diversos olhares, é condenada instantaneamente a ser um monstro impossível de se avistar – um monstro na forma como Foucault os interpreta.

“(…) o que define o monstro é o fato de que ele constitui, em sua existência mesma e em sua forma, não apenas a violação das leis da sociedade, mas uma violação da natureza. Ele é, num registro duplo, infração às leis em sua existência mesma. O campo de aparecimento do monstro é, portanto, um domínio que podemos dizer “jurídico-biológico”. Por outro lado, nesse espaço, o monstro aparece como um fenômeno ao mesmo tempo extremo e extremamente raro.” (FOUCAULT, 2010, p. 47).

E o mito de Medusa traz essas infrações quando retrata a beleza como maldição, quando a formosura dela acaba por ferir o orgulho da deusa Minerva: ao ousar ultrapassar a beleza de uma deusa, no que resulta em uma rivalidade feminina; Ademais, sua beleza irá atrair o desejo carnal de Netuno, que culminará em sua metamorfose. Commelin (2011, p. 125) apresenta-nos outra versão antiga do mito: “Netuno também se apaixonou por ela e, metamorfoseando-se em pássaro, transportou-a para o templo de Minerva, que se sentiu ofendida com isso. Outros contam apenas que Medusa ousou competir em beleza

com Minerva e comparar-se a ela”. Muitos mitos retratam que a beleza das donzelas é a causas de seus infortúnios. Sendo mulheres, foram, por muitas vezes, silenciadas sem poder lutar contra seus infelizes destinos. A Beleza acaba por se tornar um mau que iniciará sua trajetória para seu fim trágico. Atraindo ciúmes, rivalidade e atenção de dois deuses que culminarão para a metamorfose do corpo de Medusa.

Conforme Victor Neto (2018, p. 1141), Medusa “seria uma sacerdotisa de Minerva (Atena), e devido a isso deveria permanecer virgem, a exemplo da deusa a quem servia. Ao que parece, o fato de Medusa ter perdido a virgindade teria sido a motivação para a punição dada por Minerva”. Ao ter sido tomada no interior do templo acabou por tornar sua situação ainda pior ao ter profanado um local sagrado, mais uma das razões para a punição. Se não seria Medusa a única culpada de tal crime, foi a única a ser castigada.

No Livro IV de Ovídio, nos versos 798-800, relata o momento em que Netuno possui Medusa dentro do templo de Minerva. Ao presenciar o ato, a deusa recua e cobre os seus olhos com a própria égide. Quando analisamos o significado da égide, quando Medusa se encontra diante do escudo da deusa, acaba por não receber a proteção de sua benfeitora. Desta forma, ela se encontra desprotegida e à mercê da paixão de Netuno. Os deuses greco-latinos, “além de suas características divinas, assemelhavam-se aos humanos em suas virtudes, defeitos e desejos, sendo até mais irrestritos com relação a suas satisfações, já que estavam acima do bem e do mal, justamente por serem deuses” (KONRAD, 2017, p. 7). Logo, as divindades estavam sujeitos aos sentimentos tão comuns aos seres humanos, no entanto, não estavam sujeitos a ser responsável por eles. Assim, Netuno repleto de desejos luxuriosos, submete à donzela a aceitar seus avanços. Conforme Nogueira (2017, p. 43):

Outro Elemento presente no mito é a noção de que, diante de uma beleza descomunal, os homens são tomados por uma ânsia irrefreável de possuir a bela mulher: o uso da força estaria, então, plenamente justificado pelo argumento de que a mulher deveria ser punida por despertar o desejo voraz do homem.

Logo, Minerva tomada de ciúmes e inveja da beleza de Medusa, sucumbiu em ira. Assim, por fim, esta é uma justificativa para punir aquela que, supostamente, ousou ser mais bela entre todas e ter usado tal beleza para despertar os desejos de Netuno. Medusa, além de ser submetida aos desejos do deus, é metamorfoseada em monstro pela deusa.

“Medusa tornou-se um monstro tão cruel, com um aspecto tão assustador que nenhum ser vivente poderia olhá-la sem se transformar em pedra.” (Bulfinch, 2013, p. 184). Portanto, foram essas as circunstâncias que construíram o monstro feminino no mito de Medusa. O seu único crime foi ter tido uma inigualável beleza. Com a pureza e seus direitos violados, a humanidade em Medusa se extinguiu, não tendo outra função senão ser a vilã que aterroriza e ameaça a sociedade.

### 3.2. O TRÁGICO DESTINO DE CILA

O mito de Cila é mais conhecida pela *Odisseia* de Homero. “Cila era um monstro marinho (...) habitando, como as sereias, o perigoso estreito da Sicília. De uma caverna ela surge para devorar os navegadores que têm a coragem de passar por lá” (VIEIRA, 2010, p. 62). Circe surge na obra para alertar Ulisses sobre iminente perigo enquanto este navegava do lado direito de sua caverna. No Livro 12, nos versos 80-100, Homero descreve uma Cila metamorfoseada em monstro, de latidos assombrosos e vil, com doze pés, todos sem panturrilhas, e com seis longos pescoços e cabeças, aterrorizantes fileiras de dentes. Cabeças as quais devoraram seis dos companheiros de Ulisses. Descrita como um monstro que devora a todos quantos atravessassem seu caminho; evitada por mortais e por deuses, entretanto, antes de ser um monstro, foi Cila uma donzela com uma beleza encantadora.

Em *Metamorfoses*, de Ovidio, nos apresenta uma jovem virgem de grande beleza, que atraía diversos pretendentes, dos quais sempre fugia; até que um certo dia, teve um fatídico encontro com Glauco – que se apaixonou perdidamente pela bela jovem. Novamente, vemos a beleza retratada como causa de infortúnios e tragédias. O Livro XIII de Ovídio, nos versos 906-915, relata que ao ver Cila, Glauco imediatamente sentiu uma ardente paixão, e tenta em vão de todas as formas cativá-la, por isso passa a persegui-la. Ao fugir de Glauco, se evidencia que Cila estava consciente de sua beleza e dos perigos que corria caso ficasse encurralada. O temor a faz se esconder, pois não sabe se tratava se de um monstro ou deus. Como dito anteriormente, os deuses estão sujeitos aos caprichos humanos, mas são vorazes em realizar seus próprios desejos. Só longe do alcance de Glauco, Cila se sente segura para observar que tipo de criatura a perseguiu. Quando Cila abandona o deus, ele se enfurece com o desprezo pela donzela.

Nos Livros XIV, da *Metamorfoses*, de Ovídio, nos versos 8-74, temos o desenrolar do fator principal da transformação de Cila. Quando Glauco chega até ao palácio de Circe, implora para que lhe ajude a obter o amor da donzela. Entretanto, Circe acaba por se apaixonar por ele. Segundo Bulfinch (2013, p. 105) “Circe, atraída pela divindade verde da cor do mar, replicou: “Será melhor para ti que procures alguém que te queira; és digno de quem te deseja, em vez de ficar perseguindo alguém em vão”. Entretanto, Glauco rejeita Circe ao dizer que amará apenas Cila, que seu amor durará enquanto esta viver. Fato que deixa a feiticeira indignada, ressentida com a rejeição. Por estar apaixonada, não é capaz de lhe causar mal algum. Decidida, Circe canaliza toda sua fúria em sua rival. “A rivalidade feminina é uma situação muito recorrente nos mitos gregos, em que deusas e mortais são retratadas como rivais no amor, na beleza, em casa” (NOGUEIRA, 2017, p. 36). Assim, foi de forma inconsciente e involuntária, que Cila se tornou rival de Circe.

Para se vingar de Cila, Circe prepara uma cruel porção: misturas de ervas venenosas com líquidos medonhos e acrescentou encantamentos e feitiços. Em seguida, derramou o cruel líquido no local que Cila se refugiara para descansar, banhar-se e divertir-se – uma pequena baía próxima à beira do mar. Ao fim, Circe com seus lábios mágicos recita o feitiço que mudaria para sempre a vida de Cila.

Os versos 59-67 descrevem a metamorfose de Cila. Ao chegar ao seu refúgio, a donzela entra na água até a cintura, quando, de repente, percebe surgir de seu ventre monstruosos cães a ladrar. Desesperada e não acreditando que aquilo era parte de seu corpo, tenta fugir e afastar-se deles. Amedrontada, nota que ao se afastar, que eles a seguiam, e que suas partes haviam se tornado em mandíbulas como as de Cérbero, o cão dos infernos. De seu tronco ergueram-se terríveis cães. Cila foi metamorfoseada em um monstro que devorava tudo ao seu redor.

Como descrito nos versos 68-74, Glauco que jurou amor eterno a donzela, por um breve momento chora a perda da beleza de Cila. Em seguida, foge da presença do monstro e, por fim, desposa Circe, a responsável pela desgraça. De um lado, “o dote da beleza, que, na maioria das vezes, é visto como uma dádiva, um presente dos deuses, na verdade, configura-se como uma maldição da qual seus detentores não podem se salvar” (DANTAS, 2020, p. 17). Por lado, como observa Nogueira (2017), nas narrativas mitológicas, a beleza era algo que as mulheres deveriam perseguir. Ao não possuir beleza, seriam consideradas feitas os monstros pelos homens.

Logo, Cila é esquecida por Glauco ao ser metamorfoseada, sua beleza é aniquilada e substituída por monstruosos cães. A beleza feminina que antes atraía olhares, tornava homens e deuses sedentos, quando se esvai, desaparece também o desejo que os seduziu. “A beleza, assim como a religiosidade, é partícipe de construções sociais complexas, e não apenas um ornato superficial e vazio” (DANTAS, 2020, p. 92). Por trás do mito, há a mensagem que a beleza é utilizada como meio para justificar os assédios sexuais e rivalidades femininas. Por terem uma deslumbrante beleza, são culpadas pela sedução, ainda que involuntária. Em suas entrelinhas, o mito de Cila denuncia a mulher bela vista como objeto.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa propôs uma análise em torno das personagens Medeia, Medusa e Cila, para diferenciar as circunstâncias trágicas que as transformaram e evidenciaram o que estava por trás de suas metamorfoses. No decorrer da análise percebemos questões sociais nas entrelinhas dos mitos que contribuíram para a metamorfose da alma e, no caso dos monstros, também do corpo.

Vimos a importância de analisar os mitos e trazer luz e esclarecimento para a sociedade. Por meio dos mitos greco-latino encontra-se críticas à sociedade da época, nas entrelinhas ou diretamente. No mito de Medeia, temos críticas sociais sobre a situação do estrangeiro, principalmente da condição de mulher, as quais, não eram vistas com bons olhos pela sociedade antiga, e por muitas vezes acabavam rejeitadas e isoladas; como também, refletimos a realidade da mulher na sociedade greco-latina. Tanto na Grécia, quanto em Roma, as mulheres eram importantes para prover a boa linhagem, se manter castas, dóceis, obedientes aos pais e maridos, sem os mesmos direitos dos homens e frequentemente silenciadas – na voz da Medeia de Eurípedes, eram obrigadas a comprarem esposos para nelas mandarem, e terem que se dedicar de corpo e alma ao marido, aos filhos e ao lar.

A sociedade exerce um importante papel sobre a construção social em torno da mulher. Se percebe que as personagens Medusa e Cila são personagens emudecidas pela sociedade patriarcal. Foram, ambas, penalizadas ao resistirem o que o patriarcado ditava. Ao não se renderem e fugirem por um determinado tempo, quando não se submeteram

aos insolentes avanços masculinos. Elas evidenciam o poder masculino em contrapartida do que são, mulheres indefesas, objetos de desejo lascivo, que ao renunciar seu papel, são fatalmente transformadas em monstros.

Como vimos, a beleza tinha um importante papel na sociedade antiga e continua a desempenhar o mesmo papel na atualidade. O valor da estética padrão, da elegância que até hoje é perseguida por muitas mulheres, ao mesmo tempo faz com que mulheres continuem a ser vítimas da boa aparência numa sociedade onde o machismo predomina. Apesar de séculos, Cila e Medusa continuam a ser um retrato bastante atual. A beleza é uma dádiva que por vezes se converte em maldição, quando atrai desejos desmedidos e ciúmes desmensurados. Por sua vez, Medeia também continua a ser um tema atual, pois retrata a figura de mulheres que são abandonadas. Apesar dos avanços sociais, ainda vivemos uma sociedade machista, ainda existe mulheres dependentes, que renunciam a própria família. Na antiguidade greco-latina os filhos pertenciam ao marido, mas na atualidade, na lei, os filhos herdam em posição privilegiada o sobrenome do pai.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- APOLÔNIO DE RODES. **Argonáuticas**. Trad. Fernando Rodrigues Junior. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2021.
- ARAÚJO JÚNIOR, Anastácio Borges de. **Platão e Freud: duas metáforas da alma humana**. Recife: O autor, 1999.
- BULFINCH, Thomas. **O livro da mitologia: histórias de deuses e heróis: (a idade da fábula)**. Trad. Luciano Alves Meira. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. **Estudos sobre as tragédias de Sêneca**. São Paulo: Alameda, 2005.
- COHEN, Jeffrey Jerome. “A cultura dos monstros: sete teses”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- COMMELIN, P. **Mitologia grega e romana**. Trad. Eduardo Brandão. Editora WMF Martins Fontes, 2011
- DANTAS, Michelle Bianca Santos. **Poiésis e Sacralidade: o mito da beleza trágica em Helena (Eurípedes), Narciso (Ovídio) e Psiquê (Apuleio)**. João Pessoa: UFPB/BC, 2020.
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1986.
- \_\_. **O mito do eterno retorno**. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1985.
- \_\_. **Mito e Realidade**. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- EURÍPIDES. “Medeia” in **O Melhor do Teatro Grego**. Trad. de Mário da Gama Kury. São Paulo: Zahar, 2013.
- FOUCAULT, Michael. **Os anormais**. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GIL, José. **Monstros**. Trad. José Luís Luna. Lisboa: Relógio D’Água, 2006.
- HESÍODO. **Teogonia**. Trad. Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.
- HOMERO. **Odisseia**. Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, S/D.
- LESKY, Albin. **A tragédia grega**. Trad. Moysés Baumstein. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- LESSA, Fábio de Souza. “O Poder Feminino na ‘Andrômada’ de Eurípedes” in artigos livres **História 40** (2021)

- LUCIANO, **Eu, Lúcio, memórias de um burro**. Trad. Custódio Magueijo, Lisboa: Ed. Inquérito, 1992.
- NAZÁRIO, Luiz. **Da natureza dos monstros**. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.
- NOGUERA, Renato. **Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.
- OVÍDIO. **Metamorfoses**. Trad. de Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Livros Cotovia, 2007.
- ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**. Trads. William Lagos, Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2019.
- ROCHA, Everardo. **O que é mito**. São Paulo: Hedra, 2017.
- RUTHVEN, K. K. **O Mito**. Trad. Esther Eva Horivitz. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- SANTOS, Giovana Gonçalves dos; SILVA, Marisa Correa. “Medéias: a caracterização da personagem feminina nas tragédias de Eurípidés e Sêneca” In: **CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários** 3 (2007) PP. 440-447.
- SÊNeca. **Medeia**. Trad. Ana Alexandra Alves de Souza. Coimbra: CECH, 2011.
- SILVA, Fernando Crespim Zorrer da. “A Figura de Helena em Eurípidés e em Górgias” in **Contrapontos | Claraboia** 5 (2016) pp. 10-20.